

A educação para a democracia:

precisamos de mais paixão, não menos

Gregory Fernando Pappas

Como citar: PAPPAS, Gregory Fernando. A educação para a democracia: precisamos de mais paixão, não menos. *In:* PAGNI, Pedro Angelo; BUENO, Sinésio Ferraz; GELAMO, Rodrigo Pelloso (org.). **Biopolítica, arte de viver e educação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 183-193.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-274-1.p183-193>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAPÍTULO 9

A EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA: PRECISAMOS DE MAIS PAIXÃO, NÃO MENOS¹

Gregory Fernando Pappas

Argumentarei, neste capítulo, que encontramos na filosofia de John Dewey a possibilidade de desenvolver uma nova e promissora abordagem do problema relativo à baixa qualidade do discurso público nas Américas. Essa abordagem requer uma visão sobre a educação para a democracia que enfatize – muito mais do que antes – alfabetização visual, hábitos de imaginação e sentimentos.

Há muitos anos, Dewey afirmou que o negligenciamento dos fatores estéticos e afetivos (“sensibilidade direta”) na educação norte-americana é “[...] a maior deficiência de nosso sistema educacional quanto à edificação do caráter.” Isso pode ser mais verdadeiro hoje.

Sustentarei que a filosofia e as humanidades, em geral, devem chegar a um acordo com a recente “revolução afetiva” na psicologia social e nas ciências cognitivas, quanto à natureza da deliberação.

¹ Tradução de Marcus Vinicius da Cunha.

Os achados dos cientistas têm chamado a atenção para o problema da minimização das emoções e intuições, em comparação com a deliberação racional. As pesquisas mostram que o modelo da “escolha racional” usado na ciência política e as concepções de deliberação pública, na filosofia, estão desconectados do modo como os cidadãos médios tomam decisões.

As pesquisas, no entanto, corroboram a visão dos filósofos americanos William James e John Dewey. Eles defenderam que a deliberação, ou o pensamento, é “qualitativa”, isto é, que todo pensamento é situado, incorporado e fundido com o sentimento.

A filosofia e as ciências sociais podem complementar-se mutuamente como partes de uma investigação mais ampla acerca do que poderia ser o papel dos “sentimentos”, em nossa vida. Se o “qualitativo” é chave para toda investigação, então esse é mais um argumento para ensinar as humanidades em *todos* os níveis de nosso sistema educacional.

Além disso, os hábitos que precisam ser ensinados, na educação para a democracia, estão muito mais próximos dos hábitos requeridos pela criação e apreciação artística (por exemplo, tocar *jazz*) do que tem sido aceito, entendido e julgado.

PROBLEMA

Muitos países (especialmente os EUA) sofrem um crescente “anti-intelectualismo” que impede a emergência do tipo de discurso público que é requerido na democracia. Há alguns modos perversos e problemáticos pelos quais o “qualitativo” (os sentimentos, as emoções e o não-cognitivo) hoje governa e distorce o discurso (a investigação) público feito pelas pessoas.

NEGLIGÊNCIA E REPRESSÃO DO “QUALITATIVO” (SENTIMENTOS)

No entanto, o modo recente como os filósofos têm tratado desses problemas é datado, é questionável em seus pressupostos e é muito pouco promissor. Certamente, Dewey encontraria muitas filosofias políticas liberais repressivas de aspectos do discurso democrático que são chaves para uma democracia saudável.

O que é peculiar, e talvez irônico, é que algumas das visões que podem ser submetidas à crítica, por serem repressivas, tomam Dewey, ou o pragmatismo em geral, como seu predecessor ou influência. Eu tenho em mente: (i) muitos estudiosos da “democracia deliberativa”² e (ii) visões pragmáticas que dão primazia para virtudes e fins epistêmicos (“verdade”) em sua visão de democracia.³

O liberalismo e mesmo pensadores político-sociais “pragmatistas” parecem fracos ou ineptos para confrontar o crescimento do anti-intelectualismo que está corroendo o discurso público.

Dewey nos preveniu para ficarmos alertas ao enfraquecimento do liberalismo e, ainda mais importante, para o fato de que há muita coisa em sua filosofia que pode ser usada para desenvolver e retificar esse enfraquecimento e para ser mais bem preparada para confrontar os presentes males de nossa falsa democracia.

Qual é a fonte da fraqueza do liberalismo e, mesmo, de algumas visões sociopolíticas “pragmatistas” recentes? Eles têm visões restritas e mesmo repressivas do discurso público democrático.

A negligência ou a repressão do qualitativo pela filosofia não é nova. É um aspecto da vida cotidiana e tende a ser subenfatizado, especialmente por filósofos “sérios”, que, em vez disso, têm um favoritismo bem firmado ao que é epistêmico, intelectual, proposicional, cognitivo e linguístico.

Há caminhos perversos e problemáticos pelos quais o “qualitativo” tende a distorcer o discurso público, o que é um perigo real, mas a abordagem que negligencia ou minimiza isso como dimensões “subjetivas” está errada, equivocada e não funciona.

² Em anos recentes, teóricos da política e estudiosos da comunicação têm proclamado John Dewey como um predecessor, ou uma influência, ou como um pai fundador da “Democracia Deliberativa”. John S. Dryzej (2000, p. 2) salienta que “[...] uma ênfase na deliberação não é inteiramente nova. Antecedentes podem ser encontrados em... teóricos do começo do século 20, como John Dewey (1927).” Richard Posner (2003, p. 50) também considera Dewey um democrata deliberativo. Eu não creio que seja um exagero dizer que Dewey vem sendo mencionado e citado mais do que nunca em teoria política, graças a esse novo movimento deliberativo. Dentre os que reivindicam uma linhagem de Dewey, estão: Benjamin Barber (1984), Robert Talisse (2005), e James Bohman (2000).

³ Talisse (2005, 2007) e Misak (2000) têm sido os principais proponentes da ênfase na compreensão do “pragmatismo”, tanto em política como em epistemologia, mas ambos reconhecem a influência de Charles Pierce e Hilary Putnam.

Em outras palavras, a terapia ou medicina adequada para essa doença não é o “intelectualismo” (isto é, toda experiência é uma forma de conhecimento) que é tão profundamente assentado e quase nunca questionado, na filosofia. Centrar nossas visões do pragmatismo e da democracia apenas na “epistemologia” talvez seja um indicador de quanto o intelectualismo está profundamente assentado na filosofia.

A fonte do recente “intelectualismo”: os filósofos começam com abstrações teóricas sobre “pensamento”, em vez de começar pela plena riqueza da experiência. Mesmo a ênfase do século 20 em aspectos do pensamento “social” e “linguístico” foi à custa do papel do qualitativo (os sentimentos, a emoção, o não-cognitivo) no pensamento.

Contudo, o pensamento não é uma atividade de uma mente descorporificada ou de criaturas em um jogo de linguagem. O pensamento emerge de dentro e emerge de fora das penetrantes situações qualitativas que compõem os momentos de nossas vidas. Todo pensamento é situado, incorporado e fundido com sentimento.

Como defendeu Mark Johnson (2008, p. 93), “mesmo os nossos conceitos mais abstratos e formais não têm qualquer significado sem alguma conexão com a experiência sentida”. O pensamento é um processo que requer experiências sentidas em todos os seus estágios, de sorte que até as relações lógicas são transições sentidas.

Minha visão sobre Dewey: o conhecimento é importante, mas não tão importante, e os filósofos ainda têm que reconhecer o papel daquilo que é não-proposital (linguístico) e não-cognitivo, na investigação e na democracia. Hoje, há um crescente corpo de pesquisas em psicologia social e ciências cognitivas que dão suporte à visão de Dewey acerca do pensamento como qualitativo.

A IMPORTÂNCIA DO “QUALITATIVO” PARA A DEMOCRACIA

Por que o “qualitativo” (sentimentos) é importante, no que diz respeito à democracia, e o que está em jogo quando o negligenciamos ou reprimimos?

Quais são os modos perversos e problemáticos pelos quais o “qualitativo” governa hoje?

O que seria uma alternativa deweyana não-repressiva ao tratamento desses problemas?

ALGUNS MODOS PERVERSOS E PROBLEMÁTICOS PELOS QUAIS O “QUALITATIVO” GOVERNA HOJE

A) A SEDUÇÃO DAS IMAGENS E A PERSUASÃO EMOCIONAL

1. Para neutralizar a sedução das imagens e os apelos emocionais que distorcem a investigação, é preciso mais – e não menos – hábitos emocionais e imaginativos.
2. O pragmatismo é apenas mais uma concepção de “razão pública” que compete com aquelas que dominam as teorias contemporâneas?
3. Precisamos de uma visão da educação para a democracia que enfatize – mais do que antes – alfabetização visual, hábitos de imaginação e sentimentos. Essa investigação deve, no entanto, ser informada por uma investigação empírica tanto das distorções quanto da função positiva do qualitativo, no discurso público.

No que segue, mostrarei o quanto uma investigação é possível, começando com os *insights* de Dewey sobre as diferentes fases da investigação, em sua Lógica. O que ofereço aqui é apenas um esboço que poderá ser desenvolvido posteriormente, mediante consulta às mais recentes pesquisas sobre a deliberação e o juízo humano, nas ciências.

B) DISTORÇÕES QUALITATIVAS EM DIFERENTES FASES DA INVESTIGAÇÃO

Para Dewey, o qualitativo é importante na investigação, (a) para não confundir o problema e evitar desvios e distrações, e (b) para orientar investigações em seu sentido imediato, quanto ao que é relevante e irrelevante como procedimentos investigativos.

Assim, há erros em investigações deliberativas e de interesse público que são “qualitativos” e não apenas “lógicos” (isto é, erros de

raciocínio). Há falhas em orientar a deliberação, por não dar atenção ao que é sentido durante todo o processo de transformar situações indeterminadas em uma situação que seja determinada.

Essas falhas são sérias e podem ameaçar a democracia. A seguir, descreverei algumas das falhas comuns em orientar a investigação pelo qualitativo (no sentido próprio), em diferentes fases da investigação:

I) FALHA EM EXPERIENCIAR (ISTO É, SENTIR OU SOFRER) QUALITATIVAMENTE CERTOS PROBLEMAS IMPORTANTES (AS PESSOAS COMO “INSENSÍVEIS” OU “APÁTICAS”)

Algumas vezes, (a) investigações falham em experienciar a interrupção ou indeterminação de uma situação, ou (b) há um “salto” ou desconexão entre essa fase inicial e a fase mais reflexiva de estabelecimento de o que é o problema.

Como podemos esperar que as pessoas pensem sobre os problemas-chaves de nossa falsa democracia, se elas não experienciam (“sentem”) primeiro esses problemas como problemas?

II) INTERRUPÇÕES DESPERDIÇADAS: OS DESVIOS E A FALHA EM “SENTIR” O MESMO PROBLEMA POR INTEIRO

Algumas situações indeterminadas (crises pessoais ou coletivas) não são somente dolorosas, mas “desperdiçadas” quando não provocam investigação ou conduzem a uma investigação desviada.

Por exemplo, após o 11 de setembro e depois do início da crise econômica, os líderes e as pessoas desviaram a investigação para formulações do problema e visões sobre os fatos que não tinham nada a ver com uma situação experienciada indeterminada.

O qualitativo é a chave para diagnosticar esses problemas, tanto quanto para sua solução. Para Dewey, é o qualitativo que conduz o investigador a saber se ele/ela ainda está lidando com o mesmo problema ou se está se aventurando em direção a outro problema diferente. Dewey

explica de que maneira “sentir” o problema pode nos proteger de “saltos” ou desvios, no processo de investigação.

Algumas vezes, nós travamos a primeira articulação sobre “o que é o problema” que nos dá conforto, certeza e liberação imediatas ou permite alguma liberação e vazão. Nós sentimos a indeterminação de nossa situação, mas, em vez de orientar nossa investigação pela atenção ao qualitativo (sentimento ou dor), nós travamos na descrição simplista e imediatamente gratificante do problema, feita por alguém.

Conseqüentemente, a indeterminação experienciada não funciona como deveria, nas fases iniciais, para orientar a investigação. O que é sentido inicialmente não é transformado em procedimentos de investigação. Em vez disso, é reprimido ou deslocado.

Em um recente artigo no *NY Times*, Jürgen Habermas (2010, p. 82) expressou preocupação com o estado da democracia, na Europa, porque “[...] os políticos estão descobrindo que podem desviar as ansiedades sociais de seus eleitores para a agressão étnica contra grupos sociais mais fracos.”

Ele fez o seu característico clamor por um discurso mais cívico, mas o problema concreto é que, em muitas pessoas, a ansiedade social sentida perante imigrantes (causada por muitos fatores) está sendo desviada ou deslocada para raiva, hostilidade ou medo.

A sensibilidade qualitativa das pessoas é facilmente desviada (isto é, de sentimento de ansiedade para ódio) ou é facilmente redirecionada para inúmeras direções que fornecem a promessa de gratificação imediata. O problema é mais sério hoje. As pessoas são facilmente redirecionadas por entretenimentos, gratificações imediatas, e têm poucos espaços de atenção.

De uma perspectiva deweyana, o problema não é que o qualitativo se intromete e desvia (quando, então, deveríamos apelar à “razão”). Em vez disso, trata-se de uma falha em orientar a investigação pelo qualitativo. A investigação sustentada, disciplinada e contínua não é um problema de menos emoção para investigar, ou de disciplina racional.

Investigadores ideais são sensíveis à transformação qualitativa que está ocorrendo enquanto eles pensam; seu fazer é orientado por uma intenção de ultrapassagem. Investigadores ideais não são facilmente desviados ou

redirecionados pelo que não é sentido como relevante para o problema que têm em mãos. Eles são sensíveis à dúvida exclusiva de cada investigação.

III) A FALHA EM “SENTIR” O QUE É RELEVANTE

Para Dewey, o qualitativo também tem a importante função de orientar os investigadores em suas sensações imediatas sobre o que é relevante e irrelevante como procedimentos de investigação. Em seu *Logic*, Dewey nos apresenta dois “males” que podem ocorrer, se o investigador não for suficientemente sensível, do ponto de vista emocional, para a situação como um todo.

Há investigadores que reúnem muitos fatos, enquanto outros forçam os fatos para o interior de esquemas teóricos ou conceituais predeterminados. Isso é relevante para males de “sobrecarga fátual” e “pensamento ideológico”, no cenário contemporâneo. No processo de investigação, o problema “sentido” (sua qualidade) não desempenha nenhum papel quanto aos rumos da investigação.

A relevância da informação ou dos fatos na deliberação sobre algum problema social (por exemplo, cuidados com a saúde, educação) é, em vez disso, determinado pelas oscilações ocasionais dos quadros teóricos dos investigadores.

A importância da sensibilidade a problemas experienciados sublinha a resposta de Dewey a Lippman, acerca de a elite não “sentir o aperto”. As elites estão longe de remover os problemas concretos diretamente sentidos e sofridos pelas pessoas. O modo como sentimos o aperto do sapato é fundamental para o processo de corrigi-lo e ilustra o quanto o qualitativo é importante para a investigação.

Hoje, a elite intelectual continua a ignorar a importância de “sentir o aperto”, enquanto as pessoas têm muitos desvios e redirecionamentos que não lhes possibilitam orientar suas investigações pelo sentimento do sapato.

C) A RELAÇÃO ENTRE RACIOCÍNIO E SENTIMENTO NO DISCURSO PÚBLICO

A visão de Dewey sobre o discurso público – como um processo orientado pelo qualitativo – antecede e é sustentada pela recente “revolução afetiva” em psicologia social e outras ciências⁴. Os resultados dos cientistas têm posto em causa a tradicional minimização das emoções e intuições, em comparação com o raciocínio, na deliberação.

Todo pensamento começa com o sentimento, ou seja, com a qualidade imediata da situação como um todo. O sentimento orienta a reflexão; na verdade, “intuições” orientam a busca por evidência e justificação. A pesquisa mostra que o modelo de “escolha racional” usado na ciência política e as concepções de deliberação pública na filosofia não têm contato com o modo como os cidadãos médios, atualmente, tomam suas decisões.

A pesquisa recente nem sempre é inteiramente concordante com a visão deweyana da deliberação pública. O raciocínio e o sentimento não são dois processos independentes, e a pesquisa recente deve tomar cuidado para não cair no tradicional dualismo entre razão e paixão. Para Dewey e James, a razão e a paixão são duas funções mutuamente dependentes do mesmo processo ou experiência integral, isto é, o pensamento. Tal posição normativa em Dewey é clara.

Na deliberação ideal e no caráter ideal, a relação entre esses dois aspectos do pensamento poderia ser aquela em que ambos se afetam mutuamente, no processo de chegar a uma decisão definitiva requerida pela situação. Nós começamos com a intuição e então buscamos as razões, mas, idealmente, essa busca reflexiva pelas razões tem um efeito sobre a intuição ou sentimento de toda a situação.

Alguns filósofos do século 20 têm atribuído ao qualitativo (como “sentimentos intestinais”, “reações emocionais de ‘riso’” ou “intuições”) algum papel orientador na deliberação, porém, em mais de um caso, é claramente um papel subordinado.

⁴A maior parte dessa pesquisa diz respeito ao papel desempenhado pela emoção-intuição moral e pelo raciocínio moral em juízo moral. Para um bom sumário e bibliografia dessa área de pesquisa ver: HAIDT; KESEBIR, 2010.

De acordo com Dewey, a orientação dada pelo qualitativo não é limitada ao fato em se funda a experiência imediata (a experiência prévia). O qualitativo é também o que orienta as operações de investigação atuais à luz da situação atual, que está sendo transformada: assim como os bons músicos de jazz respondem à orientação qualitativa única da situação, na medida em que ela se desenvolve.

D) CONCLUSÃO

Embora eu tenha mostrado a importância do qualitativo para a deliberação pública, para Dewey a democracia requer muito mais do que uma estreita noção de deliberação coletiva. O “qualitativo” também integra os relacionamentos democráticos e desempenha uma função no monitoramento de quanto são democráticos os nossos relacionamentos. Por exemplo, a preocupação com a democracia emerge quando algum grupo se “sente” excluído.

É evidente que alguns desses sentimentos são algumas vezes injustificados após a reflexão. Ainda assim, é com esses tipos de sentimentos que devemos começar e continuamente nos encaminhar para descobrir se a democratização está ocorrendo. Em uma sociedade democrática, o que queremos é que ninguém se “sinta” excluído do processo democrático.

Uma objeção óbvia é que, ao enfatizar o qualitativo, são negligenciadas as condições concretas (por exemplo, políticas, econômicas) que devem ser mudadas. Encontrar uma maneira para fazer as pessoas “sentirem” que elas não são alienadas e oprimidas, embora elas o sejam, é provavelmente o ideal máximo do cenário totalitário.

Essa objeção, entretanto, indica simplesmente o perigo da ênfase exagerada, a qual podemos reconhecer sem desistir da tese da importância do qualitativo, na democracia.

Em suma, os filósofos pragmatistas da democracia não devem subenfatizar ou negligenciar a importância das dimensões morais e qualitativas da democracia. Isso corresponde a tentar reprimir o que não pode ou não deveria ser reprimido. Equivale a fornecer visões da democracia

que são muito “estritas” para lidar com os desafios contemporâneos com que nos deparamos.

O liberalismo e, em particular, os pensadores sociopolíticos pragmatistas seriam mais bem equipados intelectualmente para confrontar os desafios que o país enfrenta, se seguissem os mais radicais insights de Dewey. Precisamos expandir a lógica de Dewey para incluir e elaborar os insights que ele nos deixou sobre o inevitável papel do qualitativo, no pensamento, e sobre como esse papel vale a pena, na democracia.

O problema da democracia não é apenas que as pessoas não pensam, mas que elas não “sentem” como deveriam. Precisamos de uma visão da educação para a democracia que enfatize – muito mais do que antes – alfabetização visual, hábitos de imaginação e sentimentos.

REFERÊNCIAS

- BARBER, B. *Strong democracy*. California: California University Press, 1984.
- BOHMAN, J. *Public deliberation: pluralism, complexity and democracy*. Cambridge: MIT Press, 2000.
- DRYZEJ, J. S. *Deliberative democracy and beyond*. New York: Oxford University Press, 2000.
- HABERMAS, J. Leadership and Leitkultur. *NY Times*, 28 Oct. 2010. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/10/29/opinion/29Habermas.html>>. Acesso em: 30 jul. 2011.
- HAIDT, J.; KESEBIR, S. Morality. In: FISKE, S.; GILBERT, D.; LINDZEY, G. (Ed.). *The handbook of social psychology*. 5th ed. Hoboken, NJ: Wiley, 2010. p. 797-832.
- JOHNSON, M. *The meaning of the body: aesthetics of human understanding*. Chicago: University Of Chicago Press, 2008.
- MISAK, C. J. *Truth, politics, morality: pragmatism and deliberation*. London: Routledge, 2000.
- POSNER, R. *Law, pragmatism, and democracy*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- TALISSE, R. *Democracy after liberalism*. New York: Routledge, 2005.
- TALISSE, R. *A pragmatist philosophy of democracy*. London: Routledge, 2007.